

Gravação: ddg_dance_your_phd

Duração do Áudio: 00:72:00

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	não identificado
Orador B	Bárbara Paz
Orador C	André
Orador D:	Natália
Orador E:	não identificado
Orador F:	não identificado

Orador A: Este episódio é patrocinado pela parceria entre os Dragões de garagem e o podcast Trabalho de mesa, o Trabalho de mesa é um projeto realizado com recursos do fundo de apoio à cultura do Distrito Federal. Você está ouvindo Dragões de garagem

Orador B: Estamos começando mais um podcast Dragões de garagem de Viena, aqui é Bárbara Paz e vamos lá Vogue, deixe seu corpo seguir o ritmo, você sabe que você consegue.

Orador C: Maravilha. É de Itajaí, aqui é André.

Orador D: E aqui é Natália diretamente de Recife dançando frevo e Vogue na terra dos tubarões, pelo menos na praia, né?

Orador B: Muito bem, pois é ouvintes draconianos, hoje temos aqui um episódio um pouco diferente, mas nem tanto, se o sonho de todas as pessoas, cientistas e, e aspirantes a cientistas a um dia publicarem uma grande revista como Science Nature, temos aqui uma pessoa que não apenas esteve numa premiação como ganhou uma premiação na Science, Natália, você venceu Natália, conte-nos o que te traz aqui nessa tarde especial?

Orador D: Então né.

Orador B: Tarde pra mim que estou em Viana, né?

Orador D: Então, é... é muito bom, sempre muito bom falar, é... sobre ciência, principalmente sobre arte porque enfim, apesar de ser cientista, tem aquela coisa de pensar que cientista vai ser só aquilo pro resto da vida, eu meio que segui a carreira das artes e, é, sempre queria assim, acho que da minha vida acadêmica, eu comecei lá na graduação querer juntar uma coisa com a outra e ser possível fazer isso e competir, não que eu seja uma pessoa muito competitiva não, mas eu acho que competição tira você da zona de conforto, pra mim foi ótimo, sabe? Ainda mais representando o Brasil na competição, é, achei tipo assim, um bafo.

Orador B: Pra aqueles que ainda não entenderam, estamos aqui falando com Natália Levera, a vencedora do dancer phg de dois mil e dezessete, esse é um concurso da Science que premia as propostas, vamos dizer assim, você tem que basicamente explicar o seu doutorado, a sua tese com uma linguagem associando ciência e dança.

Orador C: Sim.

Orador B: Né? E em dois mil e sete frevando, não vou dizer sambando, frevando na cara da sociedade, doutora Natália Oliveira ganhou um prêmio mostrando que no Brasil não só fazemos ciência de qualidade, também sabemos dançar conforme o ritmo.

Orador D: Isso.

Orador B: Não é mesmo?

Orador D: Exatamente, exatamente.

Orador C: Perfeitamente.

Orador B: Então se preparem que logo depois dos nossos recadinhos a gente vai conhecer um pouco dessa história.

Orador E: Olá ouvinte, tudo bem?

Orador F: Nós da associação brasileira de podcasts ABIPOD temos um convite para você, a pod pesquisa dois mil e dezenove já está publicada.

Orador E: E sua participação é essencial para sabermos mais sobre o perfil de quem escuta podcast no Brasil.

Orador F: Um formulário online da pod pesquisa dois mil e dezenove está disponível no site da ABEPOD.

Orador E: Acesse ABEPOD.com.br

Orador F: Desta vez vamos focar no perfil do ouvinte.

Orador G: Mas se você também é produtor estamos preparando novidades para você.

Orador F: A pod pesquisa dois mil e dezenove ficará disponível do dia vinte e um de outubro.

Orador E: A quinze de dezembro de dois mil e dezenove.

Orador G: Não fique de fora, faça parte dessa campanha e compartilhe em suas redes de contato.

Orador F: A pod pesquisa dois mil e dezenove é uma realização da associação brasileira de podcasts, juntos pelo podcast nacional.

Orador B: Muito bem ouvintes, e, eu sei que provavelmente vocês não esperavam que fossem ouvir um, um episódio sobre dança com uma pegada científica, motivada pela Science, nesse podcast, mas acontece, é, que submissões para o dancerc phd de dois mil e dezenove, dois mil e vinte, desse ano estão abertas até dia vinte e um de janeiro de dois mil e vinte, a Natália foi a primeira vencedora brasileira, na verdade Natália, acho que a única brasileira que participou, né?

Orador D: Não. Então, já tiveram alguns participantes e acho que antes do um que eu me inscrevi, em dois mil e dezesseis tinha um brasileiro que tinha se inscrito na categoria de ciências sociais, mas não seguiu pra as finais, eu participei em dois mil e dezessete, pelo menos eu não vi nenhum brasileiro, no ano que eu vi não tinha nenhum brasileiro e em dois mil e dezoito já começaram algumas inscrições de outros brasileiros, que foi... esqueci os nomes deles, que era Renata Rocha que ela demonstrou uma pesquisa sobre o... como um... um medicamento ele u, era usado pra tratar o zunto vírus, foi bem, bem, bem interessante, eu torci pra ela, pra que ela ganhar, ficasse ao final, mas não foi, infelizmente.

Orador C: É, a gente quase não fica sabendo, né?

Orador B: A gente... deu uma olhada.

Orador D: É, não, eu, eu soube dessa inscrição dela porque ano passado eu fui jurada do dancerc your PhD, pelo menos na primeira fase e aí eles mandaram a lista de todos os vídeos, eu tive que analisar um por um, sabe? Eu fiquei mega feliz que tinha uma brasileira no meio, eu disse, ai, tomara que ela fique pras finais, mas como têm outros, é... antigos vencedores do concurso também julgando, não dependia só de mim, né, mas estamos ali na luta também, mostrando a nossa pesquisa.

Orador B: Ou seja, tipo Oscar.

Orador D: Isso.

Orador B: É tipo Oscar, quando você vence, você tem o direito de julgar.

Orador D: É, por aí também.

Orador B: Então gente, você, vocês já entenderam onde estamos querendo ir aqui, vir aqui, não estão entendendo? Queremos uma maior participação brasileira porque se tem gente que sabe dançar e fazer ciência é a gente.

Orador C: Exatamente. Eu acho.

Orador B: A gente é ótimo nisso e tem pouquíssimo brasileiro, a gente tava dando uma olhada antes pra montar pauta, procurou no... porque geralmente ficam os registros do pessoal que vai pras finais, né? E não tem muito, a gente não conseguiu encontrar, tanto que eu perguntei, então vamos ficar de olho, vamos anunciar quando saírem as votações, vamos votar, vamos participar e vamos colocar mais brasileiros, vamos submeter seus PhDs enquanto ainda existe pós-graduandos neste Brasil.

Orador D: Exatamente, exatamente.

Orador B: Esse é o décimo segundo ano, do, desse, dessa competição.

Orador D: Isso.

Orador B: Né? E o que que tem que fazer pra participar? Cê tem que ter um PhD ou tá desenvolvendo seu PhD, né? O PhD, o doutorado.

Orador C: Acho que é importante a gente falar também, talvez nem todos os ouvintes sejam da área, mas muitas vezes se fala em PhD as pessoas acham que é alguma coisa diferente, né? Pelo menos os meus alunos sempre falam, ah o PhD é diferente de doutorado, enfim, as vezes pensam que é um pós ou alguma outra forma de, de graduação, acho que é importante indicar que PhD é como opções do Estados Unidos se refere, né, ao dou, nível de doutoramento, né?

Orador B: O Diretor é de doutor.

Orador C: Isso.

Orador B: O PH é de philosophy.

Orador C: Filosofia.

Orador B: Philosophy doctor, então você é um doutor com Diretor de PhD, não existe pós doutor.

Orador C: Exatamente.

Orador B: Vamos deixar isso bem claro, que apesar de, de... alguns, algumas criaturas brasileiras insistirem que são pós doutores e afins, não existe pós doutor, né?

Orador C: Existe, existe vida após o doutorado.

Orador B: Você pode até ter dois PhDs.

Orador D: É, isso aí.

Orador B: E existe vi, existe vida após o doutorado e você pode ter dois PhDs, eu tenho um amigo que tem dois PhDs.

Orador D: Nossa, parabéns.

Orador B: Mas aí, é maluquice também.

Orador B: É, brigada.

Orador B: Mas...

Orador D: Eu também com... com um estava ótimo, fazer uma tese já dá um trabalhozinho assim, mas é duas humm, coragem, parabéns, parabéns.

Orador B: Pois é, vocês dois, cês dois, beijo Thiago.

Orador C: E existe pós-doutorado, mas isso não te dá um título, né? Acho que é também importante.

Orador B: Não te dá um título, você não defende nada, você não tem que escrever uma tese depois você não tem que defender para uma banca, ao contrário do título de vencedor do dance your PhD.

Orador C: Isso sim.

Orador B: Que tem uma banca e você pode levar esse título para o resto da sua vida e então pra participar, tá fazendo o doutorado, o Phd numa, num campo relacionado a ciência, não só física, química, essas ciências que as pessoas gostam de achar que são as únicas ciências que existem, mas também tem ciências sociais, né? E podem ir lá dar uma olhadinha, tem, tem todas as regras, uma coisa importante de lembrar é que você que está fazendo a pesquisa tem que tá no vídeo, fazer parte da dança, viu? Não adianta colocar só os bradinho pra dançar, cê tem que participar dessa e a gente não tá sendo pago pela science, apesar que adorávamos.

Orador C: Mas inclusive acho que vale... acho muito interessante que eles colocam esse, esse ponto de forma bem destacada, né? Você precisa fazer parte da...

Orador D: Isso.

Orador A: ... da dança, perca sua vergonha, é importante.

Orador D: Porque se não era muito fácil você chamar um pessoal, ah, eu vou pagar um pessoal dança minha tese pra mim, gente qual é a graça nisso, é sua pesquisa, você é a pessoa que sabe mais da sua pesquisa e você não quer nem fazer tipo uma figuração, mexe uma mãozinha pra lá e pra cá, gente já dançou, tá ótimo.

Orador B: É... eu acho... uma das coisas que me chama mais atenção nesse, nessa iniciativa, é que muitas vezes a própria dança, ela não é lotado dos brothers, dos amigos, mas é a pessoa mesmo dançando, um fundo, algumas coisas, acessórios e tal e eu acho que ele reacende uma, um conselho que já foi dado, pelo menos aqui no Dragões de Garagem várias vezes, mas certamente você já ouviu, você estudante, pessoa entrando na pós graduação, você já deve ter ouvido e se não ouviu, acredite na gente, é preciso ter um hobby para aguentar a pós graduação, ou até mesmo a graduação, ou qualquer tipo de estudo, não deixe o seu estudo, o seu trabalho, se você for de outra área, cê pode ser qualquer coisa, aquilo não te define, aquilo não é tudo que você é em vida, tenha hobbies e um desses pode ser a dança e olha só, cê pode né? Juntar esses dois universos, que foi inclusive como essa, essa proposta começou, a gente vai deixar no post, tem um, um... uma entradinha de um blog né? Lá da Science de dois mil e oito contando a história de como começou esse dance your PhD que é um texto que chama... cientistas sabem dançar? Can scientists dance? Né do Jhon Borranon, e aí ele conta mais ou menos como é que começou, né? Ele... era uma, era uma dança de um tango sobre galáxias binárias, né? Um casal de astrofísicos, uma coisa assim, ele tinha um outro projeto também que acho que chamava molecular code.

Orador C: Sim.

Orador B: Que ia fazer uma música só de sons tirados de um laboratório de biologia molecular, que é o que eu faço. E eu já fui para o laboratório hoje ouvindo os barulhos e pensando em batidas assim ó, tipo, nem a centrifuga, cento e cinquenta RPM, eu já tava pensando lá, os cento e cinquenta PPM.

Orador C: Olha aí, tá vendo?

Orador D: Entendeu? Já fica a dica pra você também se inscrever.

Orador B: Não, mas ó, eu, eu já tenho na minha cabeça o script do, de como seria a minha, a minha dança.

Orador D: Olha aí, essa parte é importante.

Orador B: E se eu me inscrever e dançar e a galera não votar vai trabalho retaliação, cês vão ver, eu não sei o que que eu vou fazer ainda não, mas vai ser, minha vingança será terrível.

Orador C: Tem um... um vídeo também que eu acho bem legal que é o... um dos... um dos propositores do dance your PhD que ele faz uma... é um ted talk que ele faz com dança em que ele mostra um pouco essa questão da... de como a gente fazer, apresentar conceitos científicos através da dança, que eu já linkei um post, já fiz um link né? Pra por pó nost, mas é, acho muito legal que é o dance versus Power point.

Orador D: É maravilhoso esse vídeo, muito, muito bom.

Orador A: É. E acho que dá uma boa ideia também da proposta.

Orador C: Eu já deixo aqui também então uma, um pedido pro Altair porque um dos últimos né, era os rodos se o Power point ajuda a gente a aprender e eu quero ver agora ele fazer um

episódio explicando se a dança ajuda a gente a aprender. Muito ou pouco específico, mas enfim, essa, essa ideia de fazer um, uma competição pras pessoas explicarem as suas, suas, seus doutorados, suas teses começou lá em dois mil e oito, teve alguma... começou aqui em Viena inclusive, né? Eu fiquei até... tava conversando com o Andreas antes da gente começar, eu acho que eu vou tentar encontrar essa, essa pessoa e... vê como é que... não sei se as pessoas ainda andam por aqui, né?

Orador C: Ó cuidado com a, cuidado com as promessas gravadas.

Orador A: Não, pois é, mas enfim, é... começou aqui em Viena um, um... o Michael Breguer que é um campeão de dança folk e um professor de astro física na universidade de Viena e aí ele fala sobre é... todos os participantes, se vocês entrarem nesse, nesse... link, tem... você consegue ver os vídeos de dois mil e oito e é legal que dá pra ver a progressão da galera de como ficou mais acirrado, o negócio foi ficando mais complexo, sabe?

Orador C: Ah, legal.

Orador B: Até agora dois mil e dezenove e...

Orador C: Tá ficando mais profissa, né?

Orador B: Eu queria saber Natália, como é que chegou essa ideia pra você.

Orador D: Então, a ideia do, da participação do... no dance your PhD, ela surgiu em dois mil e dezessete mesmo, eu tava acabando, é, meu doutorado, já tava na etapa de... escrever a tese, alguns meses depois, é, já tinha terminado, isso foi em meio que surgiu em fevereiro e tal e é um professor, é, do centro de pesquisa que eu tinha até concluído o meu doutorado, professor Jhones, hã, ele meio que jogou no grupo de WhatsApp, ó Natália, eu acho que essa competição tem a sua cara porque você é atriz, cê já tem um... eu já, desde dois mil e onze quando eu entrei no mestrado, eu comecei a fazer alguns cursos de teatro e em dois mil e dezesseis tinha começado a dançar vogue e tal, aí ele disse, ó se eu sabia dessa minha carreira, segunda carreira né? Que eu antigo, ah, ele disse, acho que essa competição tem toda a sua cara, aí eu olhei no link do concurso e tal, só que quando falou...

Orador B: Tem mesmo.

Orador D: Não, mas no primeiro momento eu dei uma olhada no concurso eu achei uma viagem, olhei no site, gente o que é isso, pelo amor de Deus, dançar sua tese, que viagem e tal, mas...

Orador C: É engraçado que a primeira frase é, você está falando sério?

Orador D: É, exatamente, exatamente. Não, como era tudo de boa, é dizer, achei que ele queria incentivar, mas eu, não, isso não é pra mim não, é muito complexo e tal, e aí eu fui vendo os vídeos das pessoas que ganharam os anos anteriores, bicho, só tinha gente tipo Cambridge, Oxford, é, Harvard, aí eu fiquei meio, isso não é pra mim não, eu acho que a gente não tem muita chance aí não, aí deixei passar, seis meses depois quando eu comecei o meu pós doc, né, meu título de pós doc foi ótimo, [inint] [00:17:04:4], é... quando eu comecei

o meu pós do ele mandou de novo, ó Natália, eu acho... eu tenho certeza que você pode ir, faça, de novo e tal e eu fui olhar com mais carinho e tal, já tinha passado a tese, não tinha tanta pressão e tal...

Orador B: A cabeça fresca, tava dormida ela.

Orador D: Com certeza e aí... nisso o que que eles falam, que você pode estar no doutorado, fazendo sua tese, enfim, e se inscrever, mas também pessoas que já terminaram sua tese, é, não importa quantos anos tenham feito, trinta anos, quarenta anos, você ainda se consegue se, é... criar alguma coisa e mandar, não tem problema. Aí eu disse, então tá eu vou tentar convencer meus amigos da dança que por privilégios eu já estava com eles dançando e já foi um pouquinho mais fácil e também com o pessoal do teatro que sabia, manjava bem de câmera, gravar, editar, enfim, e aí só vô tá conversando com o pessoal e saber como é que rola essa parada, o que é que eles acham, aí já veio o primeiro desafio, né? Como é que eu escrever a minha pesquisa que era sobre bio sensores eletroquímicos que seriam aplicáveis às ciências forenses pra detecção de moléculas com DNA e RNA em locais de crime, enfim, né, toda aquela linguagem bem específica.

Orador B: Amém.

Orador D: É isso, isso mesmo e é isso mesmo, e era uma das minhas frustrações porque quando eu ia explicar a minha tese pra minha mãe, ela disse que achava lindo só que ela não entendia, né? E eu disse, como é que eu vou explicar, sei lá, um pico, é de um gráfico no votograma, corrente passa não sei o que, enfim, converter isso numa linguagem que as pessoas pudessem entender, o primeiro desafio começou a partir daí e aí eu tive que sentar e escrever, reescrever a minha tese, ou pelo menos uma parte da minha tese que foi muita coisa, enfim, todo mundo sabe o que é os corres que a gente faz, e aí traduzi isso daí pra uma linguagem que é, qualquer pessoa pudesse entender com coisas do dia a dia, coisas do cotidiano e aí eu fiz assim, meio que a Zulma...

Orador C: Ou seja, o verdadeiro exercício da divulgação da pesquisa, né?

Orador D: Exatamente, é isso aí. E aí enfim, e fiz esse roteirinho e passei pra os meus colegas e aí eu disse, gente ó, surgiu essa competição e tal, o que que é que vocês acham da gente gravar um vídeo e tal, a gente mostrando o vogue que quem enfim não era... assim, hoje que tá mais, é, digamos assim, conhecidinho, aqui a gente já conhecia, mas hoje que tá mais [inint] [00:19:27] voltou o [inint] [00:19:28] vamos dizer assim e aí vamos mostrar que a gente dança vogue aqui em Recife, vamos gravar em alguns lugares e tal, o que é que vocês acham? E aí, acho que eles são tão loucos quanto eu e toparam a ideia só que aquela coisa, nenhum deles era cientista, só eu, aí... e, e uma coisa que eu também queria salientar, que quando veio essa ideia de gravar o dance your PhD eu chamei vários colegas meus de laboratório, gente, vamos participar e tal, tem a produção, ninguém quis, ninguém que era do laboratório quis gravar, então pras pessoas das artes foi bem mais fácil aceitar a ciência do que o contrário, então já começa minha primeiro, primeira ideia daí, gente realmente entendam as artes, o pessoal tá lá, tem aquela coisa humana, as vezes você consegue entender melhor a sua pesquisa, criar mais se você tiver algum pezinho com as artes, au, au... digamos

assim, a humanização do ser humano que deveria ser humano, mas em algumas vezes não é tanto, ela surge com as artes, sua criatividade flui, então abracem essa causa.

Orador A: Eu acho isso muito importante assim, até... talvez porque é da minha área isso acaba sendo mais próximo, né, que a gente estuda esse ser humaninho e...

Orador B: Qual é sua área? Explica pras visitas.

Orador C: É, eu sou da, eu sou da psicologia, né? Então a gente já tem mais essa, é, tem a necessidade de entender, é, e, e tá próximo, né? E a... mas mesmo assim, dentro da nossa... dentro, entre os colegas a gente não vê com tanta proximidade ou, é, dentro da academia mesmo, apesar de muitos... muitos profissionais da área muitas vezes estarem envolvidos com principalmente teatro porque... até eu já fiz um pouco, porque acaba trazendo um pouco mais né? Desse próprio contato de ver as coisas, se relacionar e a, e até propostas dentro da psicologia que vão aliar isso, né? O teatro e a psicologia como psicodrama uma das características mais... que tem isso mais claramente, mais ao mesmo tempo e eu tenho professores que... tenho um professor específico, ele fala muito essa questão da... da importância de a gente ter esse contato com artes, né? Literatura, principalmente que nos, nos coloca nesse, nessa visão mais humana ou mais de falar sobre sentimentos e de entender histórias que é praticamente o processo, né? De um, um psicólogo, é entender histórias, é, e a, e arte, ela ajuda muito nisso, né? De a gente olhar e ver uma história, ouvir uma história e ter um outro ponto de vista sobre ela e aí eu acho isso bem importante.

Orador D: Com certeza.

Orador A: Sim, aí você estava lá, os amigos da, da, do laboratório acharam provavelmente que você estava brincando, os meus também achariam, eu já fui com essa proposta mais de uma vez, todos eles riem e ficam esperando eu dizer que é brincadeira.

Orador D: Gravação, gravação, posiciona a câmera, porque que de... não... assim, tem as, tem as mega produções, todo mundo tem a coisa toda bem profissional envolvida, mas o que eles falam é tipo, você só precisa realmente de um celular que tinha uma qualidade boa pra gravar seu vídeo, eu a captação de som que fique tranquila e sua música, você pode colocar uma música por cima, aí tem toda a questão dos direitos autorais, cê tem que mandar um e-mailzinho pro artista pedindo se dá pra colocar lá e eles pedem que você faça isso, enfim e pronto, é só expressar, fazer a edição, é bem simples teoricamente, né? Só que eu entendo que muita gente não queira passar vergonha, não queira gravar tipo no meio da rua, não queira passar tipo um celular, tá assim só passando no meio do povo e aí tenta profissionalizar mais a coisa, mas ali a ideia é bem simples mesmo, só que você tem que dançar.

Orador C: O foco é a parte de, da dança, né? A linguagem da dança.

Orador D: Exatamente.

Orador B: É quase um, um... uma tradução, né?

Orador C: Uhum.

Orador D: Isso.

Orador C: Uma transposição de uma mídia pra outra completamente diferente. E aí... beleza, cê já tinha os amigos do Vogue?

Orador D: Isso.

Orador B: Sentou, explicou pra eles o seu de, o seu doutorado.

Orador D: E aí eles “psiu” compraram a ideia, a gente começou a criar e aí eu trouxe... o que eu digo, eu trago o roteirinho, eu disse, gente, minha pesquisa ela fala de crime, então eu vou alguma coisa vou tá [inint] [00:23:43] forenses e tal, aquelas coisa toda, é... meu aparelhinho lá que eu criei, ele ajuda a detectar sei lá, sangue, sêmen, saliva, local de crime e tal, só que a gente falou tanto em crime, [inint] [00:23:55], crime, crime, então já sei, vamos criar uma coisa meio que estilo CSI, eu, boa, disse, já começa por aí.

Orador B: Uhum.

Orador C: Legal.

Orador D: e aí meio que a gente começou a criar um roteiro, é, baseando como se fosse contando uma historinha porque isso é uma coisa muito minha, né? Eu gosto sempre de contar historinha, começo, meio e fim, coisa quase científica, né? Tem que ter um sentido em tudo, tem que ter uma lógica e aí...

Orador C: Aqui a gente gosta também.

Orador D: Não, mas é, mas aquela coisa, nem sempre tudo em artes tem um sentido, né, quer dizer, um sentido pra algumas pessoas, pra quem fez e também pra algumas outras mais sensíveis, não sei se eu sou uma delas também, tem, mas só que eu disse, não, vamos fazer uma coisa, roteirinho meio CSI, todo mundo aceitou lá, o que que a gente vai acrescentar pra criar isso daí, foi aquela história do [inint] [00:24:44] você cria uma historinha, quais são os elementos que vão narrar a história que aí vai acontecer o ápice e o fim, foi mais ou menos nesse... nesse desenrolar dessa história, com um fundozinho CSI no meio que a gente criou o vídeo.

Orador B: Aí mandaram o vídeo.

Orador D: Isso.

Orador B: E você ficou acompanhando ansiosa ou só mandou e esqueceu?

Orador D: Não, não, Deus me defenda, eu sei, eu sou ansiosa por natureza, assim, a primeira vez que eu tava representando, né? O meu laboratório, é, não sabia nem se a federal, ele disse, não, esse concurso acho que muita gente do Brasil deve mandar, aí eu vejo só o pessoal de fora ganhava, mas acho que muita gente mandava, na minha cabeça e aí eu mandei, eu acho que um dia antes do meu aniversário que acho que na hora que me inscrevi foi em vinte e nove de setembro foi acho que o deadline da inscrição e aí eu fiquei até tarde no...

esperando o meu colega terminar de editar porque foi tipo bem de última hora que a gente decidiu que ia gravar o vídeo, agora [inint] [00:25:41] da criação, do é, de onde ia gravar tudo com menos de dois meses, ensaios também foi bem rapidinho, só que no dia teve um problema porque enfim, é, geralmente eles sugerem que você coloque uma legenda pra meio que o que você não conseguir explicar com as imagens tem lá embaixo passando, enfim, pra o pessoal entender, deu um problema com a legenda, eu liguei desesperada pra o editor, disse, pelo o amor de Deus ajeta essa legenda, tem alguma errada, enfim, ele ajitou foi tipo quase meia noite... foi bem tarde que ele terminou e eu submeti, né? Enfim, aí depois disso assim, não, eu espalhei logo porque eu sou dessas de espalhar o meu trabalho sendo bom, sendo ruim eu espalho igual porque enfim feedbacks existem e é bom pra gente crescer também e aí fiquei naquela ansiedade de saber se você quis, que se tava inscrito ou não por causa da hora, mas o ruim é que ele não atua... acho que é uma coisa do próprio... da própria plataforma que você submete, eles não atualizam, é, rapidamente e aí sempre que olhava tava as pessoa do ano passado e eu sem saber se tinha sido inscrito, enfim e aí quando saiu, é... que eu tava lá na lista de inscritos, é, fiquei bem feliz, ah, gente agora a gente tá competindo mesmo, no outro dia sai o e-mail que as preliminares, né? De quem tinha ido pra final e aí quando vi que meu vídeo tinha sido selecionado pra final disse, gente pelo amor de Deus, eu endoidei disse, meu Deus eu fi, fui pra final, disse, gente, a gente tem que divulgar isso, a gente tem que contar com o pessoal porque além das categorias, é... técnicas que eles escolhiam pelo critério de criatividade, comunicação científica e como você usou essa linguagem pra, é, explicar o seu trabalho, tinha o voto popular, eu disse não, pelo menos o voto popular eu tenho que ter, não é possível que eu não tenha, então conhecendo brasileiros pela internet vamos viralizar isso daí pra todo mundo votar na gente e aí com tanto...

Orador B: Não, acho que até o Dragões fez uma campanha, na época, eu lembro que eu assisti e votei, porque se tem um talento que o brasileiro tem é de brigar na internet e tomar conta de qualquer nicho.

Orador D: Sim, exatamente.

Orador B: É o nosso último lugar de vitória, não é tanta, se tiver um brasileiro numa competição online por voto e ele não ganhar é porque a gente realmente desiste, a gente falhou como nação.

Orador C: Exatamente.

Orador D: Exatamente. Se a gente conseguiu colocar a Inês Brasil lá no Grammy, então porque a gente não conseguiria isso daí também, né?

Orador B: Vamos falar nisso daí.

Orador C: Eu vi que a submissão do vídeo é pelo Youtube, é isso?

Orador D: Isso, isso.

Orador C: Manda... aí tem o formulário, você manda o link desse, desse vídeo?

Orador D: Isso. Você faz assim, você grava o seu vídeo, você tem que ter uma conta no... no Youtube, isso é fato, enfim, coisa fácil, você upa esse vídeo, compartilha o link na página, você [inint] [00:28:26] tem que dar um nome, aí eles dizem, use a sua criatividade pra você não copiar e colar o tema da sua tese porque aí tipo não adianta. Não, é, porque você faz um vídeo maravilhoso explicando tudo e bota o nome tá, científico tipo, qual é o sentido? É, então você tem que pensar até... pelo menos é uma coisa pra mim, né? É até o nome do vídeo você tem que pensar direitinho, uma descrição de onde você teve, onde você veio, a universidade, enfim, o local que você veio e acho que meio resuminho, acho que é isso do que é que fala do seu vídeo, e aí pronto, você submeteu, fica só esperando o seu nome aparecer na lista dos inscritos, né? Que eu acho que parece aquela coisa de validação o seu nome em matrícula de siga, de universidade, aí eu consegui me inscrever é mais ou menos essa, essa mesma sensação.

Orador C: Ah, legal.

Orador B: E quando você recebeu a notícia que tinha vencido?

Orador D: Então, um dia antes de aparecer geral no... no site eu já sabia que eu tinha ganhado só que não tinha ganhado na categoria geral, top né? Nossa, só de eu ter ido pra final pra mim já foi um prêmio, né? Não tinha, eu não tinha nem uma assim, nenhuma pretensão de ganhar alguma coisa, eu queria mostrar mais a arte que eu fazia, eu e os meus amigos fazíamos aqui em Recife, que a gente dançava que acho que era a principal coisa da gente era mostrar o trabalho da gente aplicado a uma coisa consciência, fazer uma coisa meio que explicativa e mostrar que eu trabalho que é feito no Brasil, principalmente trabalho científico são feitos de alta qualidade, já tô me achando nesse aspecto, mas acho que a gente tem que se achar mesmo, né? E então quando eu fui pra final, eu disse, poxa o meu trabalho foi selecionado e aí eu procurei a lista não tinha nenhum brasileiro, cara, eu fiquei tipo, isso foi surreal pra mim e aí só isso daí foi, pra mim já foi o maior prêmio, mas aí eu já fiquei com aquele com aquele bichinho, disse, aí eu vou tentar pelo menos angariar alguma coisa e tal, quando veio o voto popular e eu já sabia por que já tinha visto as votações, eu votava quinhentas vezes por dia, usava quinhentas abas anônimas só pra votar no meu próprio vídeo, pedia pra todo mundo fazer a mesma coisa.

Orador B: As dicas gente.

Orador D: É isso, dá pra você votar várias vezes usando barras anônimas, peça pros seus coleguinhas fazerem a mesma coisa e aí eu lembro que quando eu recebi isso eu tava fazendo um... tava no curso de formação pra perito criminal, que hoje eu sou uma perita criminal, ó aí, sai do vídeo diretamente pra realidade, é... e tava no intervalo eu soube dessa informação e aí quando eu voltei pra aula, a gente não pode usar celular eu disse, meu Deus, eu tenho que fazer alguma coisa, eu tenho que espalhar isso daí pra todo mundo voltar, foi aflitivo pra mim, aí eu peguei um pedaço de papel comecei a escrever, tem que mandar pra tal jornal, tem que mandar pra tal jornal, tem que mandar pra im... imprensa da universidade federal de Pernambuco pedindo voto, foi uma coisa dessas, cheguei em casa a primeira coisa que eu fiz foi mandar e-mail pra um monte de gente, sai contatando, ó, quem é que conhece pessoal do jornal pra divulgar que a gente tá na final, uma coisa importante pra universidade e aí foi que

começou essa coisa do viral, né? E aperriei muito, o pessoal da, da federal, disse, ó, é uma pauta importante pra gente, pelo amor de Deus eu preciso do voto de vocês, foi quase meio que, é... político pedindo voto, gente pelo amor de Deus, gente vote em mim, vote em mim, tal e foi nisso e quando eu ganhei o voto popular fiquei bem feliz, ah então né? Aquele negócio, a voz do povo é a voz de Deus, fiquei bem feliz, só que quando eu vi que eu ganhei na categoria química, de química que foi a categoria técnica, é, pra mim foi o auge, como né? Como o auge positivo como falam porque o trabalho tinha sido selecionado pela qualidade dele em si não só pelo público que tem ainda gente que tem preconceito dessa coisa que é votado pelo povo, não necessariamente quer dizer que tenha qualidade, né? Enfim, eu entendo que quiseram interpretar isso aí como quiser, mas é... pra mim foi muito bom, sabe? E... quando eu cheguei na final e vi que na lista dos vencedores não tinha ninguém da América Latina, eu era a única que tava representando América Latina, uma... eu era brasileira... eu era não, eu sou brasileira, né? Eu era brasileira porque eu digo que eu sou pernambucana antes de ser brasileira, tenho a coisa toda de... nacionalismos a parte, mas eu era brasileira, é... nordestina e oriunda de universidade pública, pra mim isso daí já foi o, o ápice, sabe? Mostrar o trabalho de pessoas que estavam trabalhando aqui principalmente, é... do contexto artístico que a gente sabe que as artes não são tão valorizadas, é, infelizmente não tem tantos recursos pra financiar artes no Brasil, pra mim isso já foi o prêmio, sabe? Eu ganhei quinhentos dólares nessa história, também foi bom, né? Que eu consegui dividir com o pessoal e tal, mas eu acho que esse reconhecimento todo pra mim foi o maior prêmio que eu ganhei por competição e claro com um feedback da galera, né?

Orador B: E depois disso, é, a exposição que aconteceu, cê teve bastante reportagem com você, o pessoal veio querer entender.

Orador D: Cara, foi su, surreal essa época das reportagens porque foi justamente durante esse período do curso de formação, eu não podia atender telefone durante as aulas e tal e um monte de gente ligando pra fazer entrevista, tipo, hora do almoço não existia que era tipo meia horinha então que eu tinha, eu disse, vamos lá trabalhar isso, foi, foi surreal, sabe? Foi muito bom porque o pessoal tinha interesse em entender o trabalho como ele tinha sido feito, quais eram as linguagens artísticas que tinham sido usados, quem eram as pessoas que eu acho que é o principal que estavam por trás de todo o trabalho como ele foi feito e aquela coisa, porque você teve coragem de mandar pra esse concurso né? Eu acho que foi... foi bem, foi bem isso, é, que [inint] [00:33:54] eu morria de medo e tal de tá perto [inint] [00:33:56] com a universidade lá de Oxford, belíssima concorrendo e eu dizia, ah, eu su da universidade federal de Pernambuco, uma universidade pública nunca vou ter, é, chance contra eles, só que eu vi que não né? Então isso pra mim que foi... foi... digamos assim, o divisor de águas, sabe? Foi, foi bem bacana na época, tanto os comentários positivos, tanto os comentários negativos, tem uns, tipo, eu acho que teve um vídeo de uma menina falando que... que tinha essa coisa da competição e aí acho que foi um comentário da... se eu não me engano uma matéria da BBC que tinha um monte de gente xingando e tal porque só tinha... é, é aquela coisa clássica, só tinha bicho na universidade pública, é isso que o dinheiro público tá pagando pra financiar, só que gente, o dinheiro era meu, tudo o que foi gasto dali foi meu e dos meus colegas, tipo uma coisa que não foi nada com dinheiro público, mas enfim, né? Sempre tem essas críticas,

que a universidade agora, ah, é, um, o, um centro de engenharia social comunista, já existia isso nessa época, né? Mesmo antes das eleições, mas é... é complicado e o pior é que tem coisas que você começa a rir, eu disse, gente essas pessoas existem, as pessoas saem de lugares assim que elas não querem sair da sua zona de conforto e quando alguém faz diferente tão ali pra criticar e tal, não era tipo criticar, tipo, ah, não gostei do vídeo, era bem pesado, mas só que tipo, eu tava tão ocupada estudando que não tinha nem tempo pra ler.

Orador B: Não é crítica, é só agressão.

Orador D: É, acaba passando por isso, foi um bullying só que eu não tive nem tempo pra ler o bullying que eu tava estudando pras provas, então pra mim...

Orador C: Que bom.

Orador D: ... foi de boa né? Aí eles desativaram os comentários justamente por isso, que tava tendo muita coisa, mas eu nem tava sabendo, então pra mim tá ótimo.

Orador C: Eu queria dar mais visibilidade pras essas escolhas que você fez da... do grupo vogue, da, dessa linguagem porque eu acho que é uma coisa que vale a gente comentar também, acho que vale divulgar e ampliar.

Orador D: Uhum. Então é...

Orador C: Principalmente né? Dos cientistas.

Orador D: Sim, sim. Então, é, a minha história com o vogue, foi Recife, ele começou em dois mil e dezesseis quando teve um, um... um workshop do trio lipstick que, é, de Belo Horizonte que eles vieram pra cá, é, durante um festival pra dar um workshop de vogue e aí eu já fazia aulas com um amigo meu, que hoje é um amiguíssimo meu que é o Edson Vogue inclusive, eu tinha aulas de stiletto com ele e aí ele falou só vai ter esse workshop, vamos lá se inscrever pra você aprender tua modalidade, eu já achava belíssimo, né? Tinha um certo conhecimento e curiosidade, né? Só que não tinha habilidade técnica nenhuma e aí fui, me apaixonei pela dança e tal e meio que a galera que tava lá, a gente começou a conversar, todo mundo dizendo, ah, eu acho que a gente devia se juntar pra fazer... treinar pra não perder a prática e tal e foi nisso daí que o grupo surgiu, então a gente treinava regulamente e tal, que eu vou dizer, não é fácil pra quem não é da, não é da dança começar assim, [inint] [00:36:51] que é difícil pra cientista mas é tudo questão de treino, mas a princípio eu que não dançava há muito tempo...

Orador B: Não é fácil, eu já fiz uma aula e eu não acreditava que eu só tinha duas mãos, né?

Orador D: É.

Orador B: eu tinha tanta coisa pra fazer.

Orador D: É, é o oficial.

Orador B: Que tipo o Joelho eu sempre soube que eu não tinha, mas assim, com duas mãos, como é que pode?

Orador D: Muita coisa você pode expressar só com as mãos e meio que o inverso né? Que o pessoal fala da dança, que a dança a gente usa muito os pés só que o vogue tá aí, mostra pra gente que as mãos também são ali presentes e expressa muita coisa, que é a beleza do vogue né? Que muita gente fala, ah, vogue surgiu com Madonna e tal, só que a dança é muito mais do que isso, conta uma história por trás das pessoas negras, é, mesmo das comunidades LGBT, mulheres trans que surgiram com isso daí como forma de protesto e de se impor pra sociedade que rejeitava elas como, rejeitava elas como beleza naturais e elas se apoderaram dessa beleza e criaram uma linguagem pra dizer, olha, eu sou aqui, eu sou belíssima mesmo que vocês me rejeitem, então isso que é traduzido pelos movimentos e tal, tudo tem um significado, aquela pose clássica da Madonna que ela tá com a mão na cabeça, aquela é uma capa de revista ali é o título e ali a matéria da revista, tudo tem um significado e tra... se já que tudo tinha um significado na dança por que não usar isso de forma visual para ciência, sei lá, começar a interpretar gráficos desse meio tempo, o que que é que a gente consegue fazer e é tanto que em um dos momentos dos clipe, eu acho que uma cena que a gente tá gravando dentro do laboratório, é, tem os meninos, eles começam interpretar um gráfico de um dos votogramas do... da minha tese, do artigo que foi publicado e aí foi uma coisa assim de ensaio, por isso que é bom você juntar duas pessoas que... eu trabalho muito com a questão do visual, é, o que que eu consigo destrinchar ali de formas e tal, como é que eu consigo expressar isso de forma visual e aí ele, o menino que levanta e abaixa, ele teoricamente é um pico do votograma que sobe e desce quando ele, quando o DNA reconhece a molécula biológica específica dele e tem lá uma galerinha que fica meio que atrapalhando essa ligação DNA e tal e isso representado pelas diferentes cores, eu acho isso massa e eu acho que é isso que a gente deveria trazer, que quando a gente reconhece no seu próprio corpo como é que a ciência funciona, eu acho que pra gente fica mais fácil entender a importância do trabalho da gente, como isso pode ser passado pras pessoas, como que elas conseguem enxergar a importância do trabalho da gente pra sociedade.

Orador B: Tendo dito isso, eu, eu queria fazer algumas considerações, a primeira que talvez a gente tivesse que fazer isso no começo como a gente sempre faz de dar as definições e as regras e geralmente a gente vai pra Grécia antiga, então na Grécia antiga tinha a Madonna, brincadeiras à parte, é, o vogue ele não surgiu com a Madonna, ele surgiu muito antes nos bailes de vogue, ficou bem famoso em Nova York, a Madonna escancarou isso pra o mundo em geral através do clip da música dela, pra quem não viu, vai tá o link aí no post também, gente vai ser os links de Youtube mais alternativos dos Dragões de Garagem, as referências menos leitura que vocês já fizeram, é, também tem... aquela série do Netflix Pose que conta bastante, um pouco dessa, dessa história de, dos bailes de vogue, quem quiser aprender e como a Natália falou é uma dança manifesto, né? Então ela traz muito, muitas outras coisas além só do que a gente tá enxergando ali.

Orador D: É muito mais do que aquela coisa, é o close pra eu dar na balada pra dizer que eu sei dançar, é pó, pelo menos eu aprendi com os vários mestres, é... que eu tive o prazer, é, de ter aulas, é, durante a vida sobre vogue, eles sempre falam que você é uma pessoa, na é só um

corpo dançando, você é uma pessoa que está representando alguém, que é questão da representatividade é muito forte, por exemplo eu sou gordinha lá e tal, represento um monte de meninas que não tem coragem de dançar porque são fora daquele padrão de bailarina, magérrima, enfim, que a gente vê bem mais frequentemente por aí, então você tem que se apropriar de quem você é, sentir que você é um corpo belo dançando como os outros e trazer tudo isso pra dança, claro que tem os movimentos específicos e tal, mas a criatividade como você vai usar esses movimentos é sua e isso é a beleza que você tem e ninguém mais tem, é isso que você tem que trazer pro, pro vogue, dizer que você é único, que você é belo e que você se aceita e a partir daí todas as outras pessoas também tem que te aceitar porque elas saem naturalmente isso acontece, sabe? Então foi essa beleza, é, do vogue também que me encantou, é, além dos movimentos e poder trazer isso pro vídeo representado por várias pessoas, é... por ali que, é, digamos né? Já tem [inint] [00:41:39] tinha uma drag Queen no, no vídeo que remete também essa origem do vogue que começou também com as drag queens, tem pessoas negras, tem, tem mulheres trans, tem trans não binárias, enfim, é... tem todas essas linguagens no vídeo e aí têm pessoas negras, isso eu já tinha falado, mas enfim, é... já me falaram isso que foi muito massa e já também abre a várias interpretações e aí, é... já com outra leitura já disseram, ó, poxa, é bacana que você expôs e tal de lá do policial ser negro e ao mesmo tempo a pessoa que era que cometia o assassinato lá no clip era uma pessoa negra e tava sendo presa, isso reflete muito da população negra que frequentemente é levado as prisões, é, sem maiores por quês, isso eu não tinha captado na, na... na, na época do vídeo, a gente só tava dançando porque as pessoas era as que tinham maiores habilidades em vogue, sabe? E eu fiquei pensando assim, cara quanta linguagem, quantas múltiplas interpretações você tem de uma coisa que você só quer passar aquele roteirinho básico, então meio que foge aquela alçada da ciência, do racional, eu só vou fazer isso e todo mundo vai entender da mesma forma, não é bem assim quando a gente se trata de artes né? Mas, e é isso que eu acho massa de ter criado, é, junto com os meninos, os meninos foram maravilhosos e eu queria trazer essa força também pra o vídeo, não só trazer movimentos, mas também trazer as pessoas do que elas representam ali também no vídeo.

Orador C: Eu acho isso fantástico porque aponta a questão da representatividade né? Eu acho que isso é bem, bem legal do vídeo, é... e, enquanto você tava falando me remeteu uma questão né? Por que... e é uma das grandes diferenças, né? Da linguagem artística e da linguagem científica, né? Porque quando a gente está tá transmitindo algo em linguagem científica a ideia é justamente ser asséptico pra não dar interpretações além daquela, né?

Orador D: Isso.

Orador C: Que você tá tentando transmitir, né? Da, pra ter uma coisa precisa, clara, enfim e seja bem compreendida pelos pares enquanto na arte a gente abre mais possibilidades, né?

Orador D: Isso.

Orador C: E claro, são propostas diferentes, são objetivos diferentes, né?

Orador D: Uhum.

Orador C: Linguagem artística tem isso, objetivo enquanto linguagem científica tem justamente esse outro objetivo e elas são importantes né? Nas duas situações.

Orador B: É... eu queria fazer um parêntese antes da gente mudar um pouquinho de assunto, que pode ser que algumas pessoas fiquem desconfortáveis com a gente tá falando tanto de representatividade, dessas coisas, né? E a gente sabe que incomoda várias pessoas dado os, os comentários que você recebeu e essa história que você comentou que os comentários tiveram que ser desativados, eu queria só deixar claro pra, pras pessoas e, e fazer lembrar de que não, a universidade não é um antro de viado que só faz isso com o dinheiro público, não sei o que, tarará, mas sim, a sociedade está andando pra frente e os lugares estão sendo ocupados por todo o tipo de gente, você não precisa ser nada além do que você é.

Orador C: Ainda bem.

Orador B: Mas pra estar nesses lugares hoje você vai ter que aprender a viver e respeitar essas pessoa que vão estar ao nosso redor, seja na universidade pública ou privada, seja em grandes premiações com reconhecimento internacional, então você tem que ser o que você é e nada além do que você é, mas você tem que respeitar as pessoas pelo o que elas são e nada além do que elas são em todos os ambientes.

Orador C: Perfeito.

Orador B: Então Natália falamos muito do vídeo, nessa altura as pessoas já viram o vídeo, se não viram a hora é agora.

Orador C: Que a gente vai dar spoiler.

Orador B: É... a gente já deu um monte de spoiler, mas vamos voltar para o laboratório, qual foi o seu doutorado, como foi, aonde você fez, o que que você desenvolveu, co... né? Você é perita hoje, estudou pra daná, passou e você trabalha hoje com o que você pesquisou?

Orador D: Isso, então a... eu fiz o meu doutorado na época na universidade federal de Pernambuco em biologia aplicada à saúde e aí em salão de história que eu comecei com o mestrado trabalhando como bio sensores que era minha área de pesquisa, eu comecei trabalhando com dengue e aí eu tive um insight de querer trabalhar com bio sensor que não sei se a maioria do pessoal conhece, bio sensor falando a grosseiro modo e mais fácil entender, é aquele aparelhinho que muita gente que principalmente que é diabética tem em casa pra ficar medindo o nível de glicose, funciona mais ou menos daquele jeito e aí eu sempre fui apaixonada por... desde a infância, sei lá, enfim, ah, ensino médio, por genética e tal e quando eu entrei em ciências biológicas, é, na graduação e descobri que eu podia usar genética pra resolver crime, eu disse não, é isso que eu quero trabalhar na minha vida e aí fiquei com essa ideia mesmo trabalhando depois com dengue, com bio sensores pra outras coisas, eu ainda não tinha desistido de trabalhar com essa parte de forense e aí quando cheguei no doutorado, cheguei com a proposta pro meu orientador e falei, ó, eu quero desenvolver um bio sensor pra ciências forenses aí ele comprou a ideia, passei no doutorado e comecei a desenvolver isso, é, durante os quatro anos do meu doutorado e aí fiz um modelo de um bio sensor que pudesse ser utilizado em locais de crime pra detectar moléculas como

san, sangue, sêmen e saliva sem que elas fossem... quando, quando conseguissem detectar essas moléculas mesmo que elas tivessem passado por um pó, processo de degradação e principalmente quando... sei lá, um criminoso tentar o local de crime com produtos de limpeza do doméstico como detergente, é, água sanitária, enfim, foi mais ou menos isso que se conduziu essa minha pesquisa e aí eu vi que realmente meu bio sensor funcionava e foi quando eu toquei pra frente o artigo e esse que foi o que eu utilizei pra o dance your PhD, mas eu fiz também outros, é, bio sensores, outro sensores também pra detecção de drogas ilícitas, enfim, então foi mais ou menos isso que eu permeei durante o meu doutorado, nesse meio tempo eu comecei a estudar pra ser perita criminal e trabalhar na genética porque obviamente eu já gostava, é... da coisa e da , da emoção trabalhar em local de crime, deixar de ser CSI só na tela mas pra ir pra realidade e aí... né? E aí em dois mil... acho que dois mil e dezesseis eu fui, eu prestei um concurso aqui pra Pernambuco mesmo, passei e dois mil e dezoito que eu comecei a trabalhar, demorou um tempinho, foi nesse meio termo entre fazer o concurso e ser chamada pra trabalhar que eu gravei o vídeo, então já tinha entendido um pouquinho melhor como é que funcionava e o que eu achei massa na época é que a polícia no Brasil inteiro me apoiou, a polícia federal, a as, a... esqueci agora se a academia brasileira de ciências forenses que mega divulgou o meu vídeo, tipo super votando, a polícia científica daqui super apoiou dizendo que era muito importante ter uma pessoa que dessa aqui entrar pro corpo da, é... perícia criminal de Pernambuco e tal, mega divulgou e ainda hoje quando eu vou falar algumas coisas e tipo dar treinamento, pessoal, ah, cê é aquela menina do vídeo? Eu fico morta de vergonha, dizendo, é sou eu mesmo, pessoal não mulher vai viver de vergonha não, você é o orgulho da gente e tal, mas eu acho bacana tipo, aquela minha vida antes do, antes do CSI de verdade e depois do CSI de verdade, então é massa isso, né? Então a minha pesquisa, ela meio que sofreu algumas mudanças pra torná-la mais, digamos assim, mais moderna porque o modelo que eu utilizei de sensor é um pouquinho já ultrapassado, mas ainda sim funcionava e aí foi nesse meio tempo que o concurso chegou e tal, eu tive que enfim trabalhar, mas eu ainda mantinha parcerias com pessoal e tô conduzindo essa pesquisa só que levando agora pra outras áreas, mais na parte de drogas e tal, não ainda aplicada a locais de crimes, mas vamos ver se nos futuros, é... vamos mudar essa situação e trazer já pra nossa realidade CSI pernambucana e brasileira, por que não, né?

Orador C: Com certeza.

Orador B: Sensacional, sensacional.

Orador C: É. Natália, você tinha comentado que tem um aparelhinho que foi desenvolvido dentro da sua... da sua pesquisa, eu não sei, eu fiquei pensando loucamente assim, bem CSI como é que ele funciona, cê poderia dar uma explicação assim, um pouco mais detalhado até pra quem não é muito da área.

Orador D: Isso.

Orador C: Como eu.

Orador D: Então, o modelo que, que eu desenvolvi, ele funciona mais ou menos do tipo como aqueles medidores de glicose, aquele portátil, a etapa que eu desenvolvi foi fazer como se

fosse uma daquelas fitinhas pra... o saber a molécula certa que eu podia utilizar até pra que ela não... sei lá, consegui... fosse detectar sei lá, sangue de galinha por exemplo, o estudo foi mais focado nisso daí, ela saber reconhecer direitinho e saber diferenciar o que é sangue, o que é sêmen, o que é saliva.

Orador C: Ah, tá.

Orador D: Isso utilizando lápis grafite, tipo lápis de escrever mesmo e aí eu colocava a molécula de DNA que foi a biomolécula que eu utilizei que ia detectar aque... é... o alvo em questão e a partir daí eu testei com... misturando tipo produtos de limpeza doméstico pra ver se ainda assim ela conseguia detectar esse sinal que foi positivo e a ideia seria tipo fazer uma parceria que a gente já tem, é, com pessoal de outras áreas, principalmente o pessoal da química, da eletrônica e tal pra desenvolver o aparelho porque por eu ser bióloga eu não domino essa linguagem ainda, né, então a gente precisa trabalhar com um time multidisciplinar pra que realmente ele vá, é, ser comercializado no futuro e a minha parte foi mais essa modelagem pra... pra fitinha que é a parte, digamos assim, principal do aparelho.

Orador C: Ah, tá.

Orador D: Porque segundo o pessoal da eletrônica é muito fácil desenvolver o aparelhinho e tal, o negócio que conta mais é a parte da fitinha e aí os testes já começaram, o pessoal do laboratório já conseguiu desenvolver isso bem, bem tranquilo, sabe? Agora é só...

Orador C: Essa fitinha, ela tem um processo químico ali pra fazer a, a reação?

Orador D: Isso, é um processo eletroquímico que... é, agora falando já um pouquinho mais acadêmico, aquela linguagem, a gente consegue diferenciar, é, a molécula só, tipo se reconhecer nada, um alvo pela diferença de bases de colina porque elas meio que oxidam em um potencial específico e quando elas têm, elas são ligadas digamos numa fita, numa fita dupla os elétrons são gerados pela reação, eles não acessam tão facilmente à superfície do grafite que é o eletrodo que eu utilizei, então a partir daí a gente consegue saber quando o sinal tá alto, que a fita não detectou nada e quando ele meio que diminui a gente sabe que ele reconheceu especificamente a molécula.

Orador C: Ah, legal.

Orador B: E essa toda enzimologia da pós.

Orador D: Isso.

Orador B: E depois Natália, quer dizer e depois não, e agora? O que você tem feito? Você esbarrou com os draconianos aí recentemente.

Orador D: Então, é... o que eu tenho feito agora basicamente é, do ano passado pra cá vou dizer que foi mais essa coisa de aplicar, é... questão do... da divulgação científica que eu só vim pensar nisso daí depois da repercussão do vídeo, ah, como é que eu posso trabalhar com divulgação científica, pra mim era só menina que queria mandar um vídeo, mas me vídeo com a ideia que... tem que explicar alguma coisa pra população entender, né? Eu comecei a

entender essa importância da imagem que se transmite pra população depois dessa experiência e aí conheci o pessoal do Dragões no... camp Serra Pilheira, foi muito, muito massa, que a gente também tava tentando financiamentos pra projetos de divulgação científica e aí nesse, no ano de dois mil e dezenove eu meio que continuei fazendo isso só que tentando outros editais com mais focados nas áreas das artes, né? E aí, quero dizer... eu não sei, aí pode ser uma impressão minha, pode ser que tenha uma aceitação maior ou não, principalmente na questão da formação e aí tô dando mais assim alguns cursos, alguns workshops em algumas comunidades pra algumas pessoas falando sobre a questão da divulgação científica e como a gente pode fazer isso de maneiras diferentes.

Orador C: Legal.

Orador B: Muito legal. Bom, eu acho que... eu espero na verdade que as pessoas tenham tirado desse episódio não só um interesse pra ver os vídeos e pra participar de repente do, do... dance your PhD, mas que tenha ficado na cabeça que existem várias modalidades de transmitir informações, de fazer explicações, o valor de não apenas se ter um hobby, né? E um, uma atividade que faça você, é, desligar um pouco da pesquisa e que te, te faça ter amigos de outras áreas que topem as vezes fazer dancinhas na internet com você, mas também que a gente volte a lembrar sobre a importância da divulgação científica, a importância de se tratar assuntos com mais leveza, assuntos sérios, assuntos científicos, afinal de contas cê tá falando de um processo criminal.

Orador D: Exatamente.

Orador B: Um processo de detecção de algum crime aconteceu ali, são assuntos sérios e muitas vezes pesados, mas que eles podem ter um lado lúdico, né?

Orador C: Uhum.

Orador B: Acho que foi nossa proposta nesse episódio e Natália, deixe aqui por favor os seus contatos, os seus jabás como as pessoas podem encontrar você.

Orador D: Então gente, se você quiser ser encontrada, se não quiser também.

Orador B: Então a gente vai ter que ir atrás com algum sistema.

Orador D: Então gente, a principal conta que eu tô usando hoje é no Instagram que é @nathaliacybelle o Cybelle é c y b e, dois eles e um é, eu tenho um Twitter só que o Twitter eu não uso tanto, então vamos, me procurem mais no Instagram que eu tô mais ativa por lá, pode mandar ideia, qualquer coisa pra gente bater um papo pra começar, se alguém quiser fazer um financiamento também pra divulgar o vídeo, pra gente começar a fazer isso pelo Brasil por favor me contate também, tá, de boas.

Orador B: E acho que é isso gente, se vocês se inscreverem no, no dance your PhD não esqueçam de mandar o link pra gente e boa sorte, né? Pra todo mundo, boa sorte pra você no Serra Pilheira.

Orador D: Brigada.

Orador B: Esperamos ver mais brasileiros nessa competição ganhando em breve.

Orador D: Sim.

Orador B: Porque afinal de contas, né, o que não falta aqui é potencial pra ganhar essa competição.

Orador D: Isso.

Orador B: E fazer boa ciência.

Orador C: É, eu queria só agradecer principalmente a presença da Natália porque é, eu acho o concurso, a ideia do concurso do dance your PhD bem interessante né? Justamente dessa proposta né? Que a gente veio comentando assim de traduzir pra uma nova linguagem essa questão da ciência e ajuda a gente a repensar muitas questões de, de conceitos científicos, de, de como faz isso, tem uma atividade que eu sempre peço pros meus alunos fazerem que é pegar um pedaço da matéria e... e transformar em uma obra artística, né? E eu tento trazer pra eles muito essa referência do dance your PhD justamente por repensar essas coisas, né? E tentar ver e modificar essas relações que a gente tem com o conceito científico, de como é que a gente pode, é, tra, traduzir isso de outra forma e as vezes a gente passa a entender isso de uma forma muito mais aprofundada também.

Orador D: Né? E é inte, é interessante, né? Que você começa a pensar fora da caixinha, que a gente tem esse conhecimento com, é... compartimentado né? Aqui eu só posso fazer isso, aqui eu só posso fazer aquilo, quando na verdade tá todo mundo junto e misturado, a gente tem que, é, meio que tirar essa ideia de ciências ser uma coisa fragmentada, vamos deixar todo mundo na área do multidisciplinar que todo mundo só tem a ganhar.

Orador C: Uhum.

Orador A: Muito bem ouvintes draconianos, esse foi o nosso episódio cento e setenta e um do dance your PhD com o pessoal aí da casa, né, a Barbara, o André e a convidada especialíssima Natália Oliveira, né, que falaram aí sobre o trabalho da Natália, né? Que foi o vencedor do dance your PhD, é, que é um concurso da science, então muito legal, eles falaram como que ela mandou o projeto, como foi selecionada porque... como que conseguiu colocar projeto de doutorado dela é... em forma de vídeo pra dança, então muito legal e... estamos aqui hoje, eu, somente eu, pra... dar uns recadinhos aí né, e falar, e comentar sobre os e-mails que nos foram enviados na, na quinzena do lançamento do episódio cento e setenta que foi a entrevista com o professora e pesquisadora Ivone Mascarenhas, né? Maravilhosa entrevista inclusive com, do Elton, né? É, muito legal cara, pô, conhecer essa galera catedrática, o trabalho deles né? De décadas aí, muito bom, é... professora Ivone, pesquisadora Ivone, sensacional, pessoa sensacional. Muito bem. É... então aqui pra começar os nossos recadinhos galera, é, vamos falar daqui da nossa aba lá de seja doador no site dos dragões de garagem, né, é onde se você, se você sentir aí é... na situação né? De poder colaborar financeiramente com os dragões, nós temos duas maneiras lá, que são o via petrion, né? Que é através do pagamento via cartão de crédito, etc., pra quem tem, pra quem tem... tá fo, tá fora do Brasil, tá com o cartão internacional, é, lembrando só que a gente pa, que paga

IOF, né? É um, uma contribuição mensal, um ali, é, simbólico as vezes né? Mas que ajuda muito é... pra gente dar continuidade que é o trabalho dos dragões, a montagem das pautas, a organização é, das produções, né? Toda, toda a questão da edição também, é, enfim, então a gente tá tentando profissionalizar cada vez mais e trazer um conteúdo de qualidade né? Então via petrion é, através é... pagamento pelo petrion ou pagando pelo catarse e aí o link vai estar nos posts, é, os valores do, do catarse e do petrion são equivalentes então em Reais, em, em valores é, é, em dólar né? E... dão, dê uma conferida lá então na página seja doador, é, a gente agradece muito aí se puderem colaborar. É, mais recadinhos né? Lembrando sempre, temos as cientirinhas, né? Do, do Marco Mellen é, estão sendo produzidas aí, né? A toque de caixa, o Marcos tá com muitas ideias legais, é, toda se, toda quinta então, a princípio sai tudo no quadrinhorama quanto no, na página do dragões também e no facebook, etc., e inclusive se você vir, eu vou reforçar esse recado, eu tinha comentado isso na última leitura, mas se você vir alguma tirinha do Marco, é, sem os devidos créditos, né, notifica aí a pessoa que as vezes tá publicando aí sem, sem dar os devidos créditos e etc., é de... é, é... por favor, né? Que as vezes não era má, não má, a gente não vai né? A gente dá o benefício da dúvida, né? De que não seja má fê muitas vezes, etc., é, mas enfim, né? A gente agradece aí se puderem também nos avisar por algum acaso, né? Se virem aí alguma página as vezes internacional ou mesmo nacional, pra valorizar o trabalho do Marco, né, do quadrinhorama, da parceria com o Dragões, né? É um trabalho muito legal, vai render muitos frutos ainda. É... os recadinhos aí dos podcasts da casa, então a gente tem o trabalho de mesa, é, inclusive no último episódio eu tô pra ouvir, ainda não consegui ouvir, tô curioso demais sobre o filme lá do Joker, né o palhaço e o quarta capa do Vitos Caparica e companhia né? Sobre literatura, trabalho de mesa sobre teatro, né? E outro, e o quarta capa sobre literatura e também o nosso programa do Youtube, né? O artista de garagem que é, que vai ao ar todas as sextas com a presença da Tabata, é... e edição do Felipe Raime, né? Eles tão apresentando, é, um programa com notícias rápidas sobre descoberta da ciência né? Que andam se destacando e tal, é, mais recentes e inclusive de novo também reforçando, se você publicou algum artigo legal, né? Recente da sua área e tal, manda, manda esse artigo pra gente com um resumo, é... um resumo acessível pra gente poder, é, transformar isso num roteiro de vídeo as vezes muito legal, a Tabata tá ansiosa pra vocês enviarem pra ela lá e o... o e-mail né? Pra o contato, pra fazer esse contato é contato@dragõesdegaragem.com né? Vamos valorizar aí, né? O trabalho dos pesqui... da pesquisa brasileira, mostrar que a gente tá produzindo bastante coisa legal, é... lembrando também que tem o arte ciência, é um projeto que já terminou agora primeira temporada né? Do Luciano com João Silveira e vai sair a segunda temporada agora num feed próprio, antes saia no próprio feed do, do Dragões e lembrando também ô galera, pra prestigiar aí os podcasts parceiros né? Que tão na nossa página lá também né? Parceiros de divulgação científica, fazer um ótimo trabalho, pode entender, o Eureca podcast, filosofia pub, o science blog Brasil e o alô ciência, né? É... e um último recadinho aqui, é... foi uma indicação inclusive do André Tieme, nosso, nosso psicólogo do, do Dragões, é... ele indicou e eu já comecei ouvir, achei muito legal, tinha um episódio especial do radiofobia que saiu agora, é, recentemente, é o Alô técnica oitenta, né? Com... inclusive com a participação do Thiago Miller, que é o nosso editor aqui, né? Dos nossos programas usuais sobre questões técnicas aí pra quem tá gravando podcast, então o alô técnica, ele já tem essa proposta né, de dar dicas sobre... sobre produção de podcasts e tal e aí é legal você ouvir o lado do editor,

saber por exemplo que, como fazer algumas pausas, é... é... questão de gravação também de arquivo, então, é bem legal, então dê uma conferida lá inclusive pra vocês conhecerem o Miro que é um cara sensacional aí também, enfim, então esses são os recadinhos aí dessa quinzena e aí e agora eu queria agradecer, né? Nessa clin, nessa quinzena também aos nossos novos mecenas, esse agradecimento aí especial pelo, pelo pessoal, da galera que agora faz parte do grupo do Telegran, os Dragões de Garagem agora no Telegran, um, um grupo altamente ativo, é... muitas participações, muitas discussões extremamente relevantes, bem legal, então... claro né? Que tão colaborando com todo o projeto do Dragões, um abraço aí para o André Oliveira, pro Aurélio A Adinauer, é... Recker, é, Adinauer, sei lá, talvez seja, desculpa Aurélio, a... ao Caio Veloso de Melo Garcia, a Camila de Oliveira Lopes, ao João Cura das de Figueiredo Junior e ao Rubens Plaza, então brigadão galera muito legal né? Muitas, muitas pessoas aí colaborando ultimamente, né? A gente agradece claro, sempre todo mundo tá colaborando direta e indiretamente, divulgando, compartilhando, né, é... também, é, vamos aqui também mandar um abraço especial pra quem nos mandou e-mail, comentou no site dos Dragões, na página do Facebook e talvez a gente não consiga, é a gente não vai conseguir aqui, é, responder, é, no, no, na leitura de mesa, mas a gente já responde no provado e agradece com abraço afetivos aí, então nossos abraços vão pra Ana Gandara que é inclusive uma participante ativa lá no grupo do Telegram, uma pesquisadora aí com gabarito também altíssimo, e... e ao Edson Gande que estão sempre nos mandando e-mails calorosos pra elogiar, pra dar sugestões de episódio, então muito obrigado pessoas, vocês, é, não sabem a diferença que faz pra gente isso, na... receber esses e-mails de vocês, muito legais e eu separei dos e-mails aqui pra gente ler, é... sobre essa última quinzena, o primeiro é do Savio Lima Ribeiro, né, ele comentando sobre o filmes de psicopatas, ele começa assim então, alô, não, olá Dragões e Dragoas, ele coloca entre parênteses, ficou estranho, é, meu nome é Savio Limão, é, Lima, sou de Fortaleza e trabalho com motion designer, ouvi o episódio de vocês sobre filmes de psicopatas e mesmo que o episódio seja de filmes eu acho que preciso falar sobre Real Blade, Real Blade é um game que saiu originalmente para Play Station quatro, mas agora já saiu até pra calculadora, Alê, ele fala sobre uma guerreira que sofre de esquizofrenia, não vou falar muito sobre a história pra não dar spoiler, mas a parte legal desse jogo é a forma como eles levaram super a sério o tema abordado, né, no próprio game vem um documentário falando sobre o processo de criação do jogo, eles consultaram especialistas no assunto, reuniram depoimentos de pessoas esquizofrênicas, é... toda as, as representações das alucinações visuais e auditivas que aparecem no jogo foram cuidadosamente pensadas por uma experiência que tenta te colocar na pele de alguém que sofre disso, um fator que chama muito a atenção é jogar de fones de ouvido e ouvir as vozes cochichando no seu ouvido, o trabalho do som é tão bem feito que é possível ouvir as vozes se deslocando de um ouvido para o outro, não só isso, a ninja Sériu, que é a produtora do game ainda colocou um site no arquiteto pra ajudar pessoas que sofram de doenças mentais, não só esquizofrenia, mas ansiedade, depressão e outros, é alguns desses problemas são abordados no game também, Real blade é uma experiência fantástica, ele consegue ser bem informativo, emocionante, tem uma narrativa muito boa e com uma cinematografia dificilmente ainda visto em filmes que ainda assim é brilhante, é, esse game rendeu inclusive um [inint] [01:07:40] de melhor performance pra [inint] [01:07:43] que fez a protagonista, ele consegue te dar muita empatia pela protagonista e por tudo que ela está passando, eu realmente mudei minha visão sobre

doenças mentais depois de ter jogado esse jogo, não só isso, tenho casos desses na família que agora eu encaro com olhos totalmente diferentes, então link pelo comentário, né? Contém spoilers, aí, a gente vai deixar o link do Youtube e o link pra... pro site de ajuda também que veio, que vem junto com o jogo, então me legal Sávio, valeu aí pelo, pelo e-mail, né? Já deixou a galera curiosa lá na... lá na... na garagem pra, pra gente jogar esse jogo, na época acho que eu não vi o trailer dele, algum game pra eu concluir em cima, não cheguei a jogar não, mas muito legal, né? Que envolve bastante dessa, da temática dos filmes de psicopatas, já foi bastante abordada essa questão também das... das doenças mentais, vamos dizer assim né? É... ou outro e-mail nosso aqui é do Flávio Prado e ele, é, manda um e-mail falando sobre novo ouvinte, ele fala assim, olá dragões, tudo bem com vocês, né? Meu nome é Flavio Prado, sou formado em ciências da computação, muito fascinado com viagem no tempo, meu filme preferido é De volta para o Futuro, sou nerd, geek, procurava um podcast mais científico e conheci vocês através de um amigo, comecei a ouvir seus episódios, sobre o episódio sete de UFOS que vocês fizeram bem lá no começo, existe um podcast o qual eu acompanho que se chama Hangar dezoito e eles tentam sempre levar pra um lado científico mas infelizmente é só pseudo ciência, o Flavio falando hein, as vezes me pergunto se eles se ouvem quando eles falam que são, que de serem muito mais desenvolvidos que nós e que visitam a terra pra sequestrar vacas, fazer teste com sangue e também manter relações sexuais, né? Um dia eu os questionei o porquê deles fazerem isso, simplesmente responderam que é defeito congênito do DNA e por isso eles fazem isso, ok. Então eu parei, pensei e analisei, é, eles estão me dizendo que iam ser tão desenvolvidos que viaja anos luz não consegue manipular o seu próprio DNA? Sério isso? Infelizmente a pseudociência é muito difundida, que bom que existem vocês pra desmentir esses tipos de falácias que se espalham e se propagam por aí, é, grande abraço e excelente trabalho, cada episódio sensacional, um sucesso, vida longa e prospera e que a força esteja com vocês. Então muito bom, valeu Flávio, brigado aí pela, pelo e-mail também, é... a gente, a proposta é, é essa né? Da gente tentar tirar um pouco né? Dessa carga de, de pseudociência em cima de muitos assuntos aí que se, se propõe as vezes a falar as coisas né, é, como se fossem ciências de fato, e... a gente mostra que existe, a gente tenta mostrar que existe uma, uma, um certo pensamento crítico, um certo método por trás pra, pra tentar abordar as coisas de modo científico, né? E enfim, tem, é, vamos dizer assim, é o mais, é o mais fidedigno ao que a gente mais consegue, é, se aproximar do, do que de fato talvez esteja acontecendo ali dentro desses tipos de situações, né cara? Então muito legal, legal que você conseguiu, é, ter esse tipo de, de visão, vamos dizer assim, né? Ter esse topo de, de... noção, é, de não se deixar levar, vamos dizer, pela pseudociência em certos temas como esse, é... então, é... fechando aqui esses dois e-mails que nos foi enviado né? Vamos finalizar pedindo pra vocês curtirem as nossas redes sociais, né, o facebook.com/dragõesdegaragem, o Instagram que é @ dragõesdegaragem, o Twitter que pessoa o Twiter.com/dragõesdegaragem e assine a valer o nosso feed, né? No Itunes, no Castbox, no Icast, Podcast Adict, Google podcasts, Spofly. É... novamente nos mandem e-mails, é, pro contato@dragões.com e até a próxima quinzena galera, valeu, muito obrigado, até mais.

Fim da Transcrição 00:72:00